

MODELOS URBANÍSTICOS MODERNOS E PARQUES URBANOS:
AS RELAÇÕES ENTRE URBANISMO E PAISAGISMO EM SÃO PAULO NA
PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

FABIANO LEMES DE OLIVEIRA

TESE DE DOUTORADO

ORIENTADOR:

PROF. DR. JOSEP MARIA MONTANER

DOCTORADO EN TEORÍA E HISTORIA DE LA ARQUITECTURA
DEPARTAMENTO DE COMPOSICIÓN ARQUITECTÓNICA
UNIVERSITAT POLITÈCNICA DE CATALUNYA - UPC

Março
2008

O esporte aparece novamente como uma das principais atividades destacadas, devendo-se concentrar - à diferença do projeto de Dierberger que o distribuía por toda a área - no setor menor. Maia não apresenta pranchas de projeto para o parque, apenas as indicações gerais que acabamos de tratar e uma imagem do projeto de Dierberger (fig 29) já tratado, como representativa dos estudos que se vinham realizando.

Considerava-se naquele então que se devesse incluir no projeto para o Parque do Ibirapuera um hipódromo, em substituição ao da Mooca. Debatia-se também sobre a retirada do viveiro de mudas, que finalmente permaneceu e em 1938, através de lei municipal, passou a adotar o nome de seu fundador (Manequinho Lopes) como reconhecimento de seu trabalho.

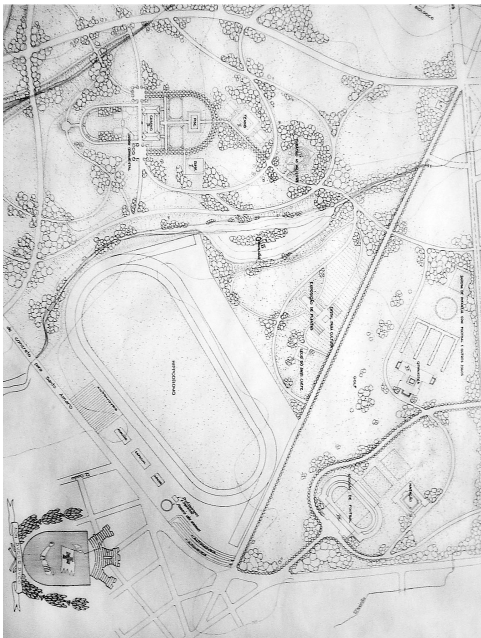


fig 32 - Estudo de Dierberger para o Parque do Ibirapuera, 1932.

Fonte: Arquivo Geral de Processos – DAF4.

Dierberger seguiu durante esses primeiros anos da década de 30 realizando estudos para o parque, em que destacamos outro desenho, datado de 1932, (fig 32) onde considera a retirada do viveiro e a implantação do hipódromo em seu lugar. Preserva, por outro lado, nas suas vizinhanças, terreno destinado ao cultivo e à exposição de plantas. A vinculação ao modelo de parque paisagístico se acentua com a implantação de caminhos sinuosos por entre os gramados e áreas de bosques, a eliminação de outras formas compositivas presentes no trabalho de 1930 e a redução do eixo central a um conjunto formado pelo cassino, piscina municipal, quadras de tênis e teatro ao ar livre. Com o hipódromo sito à esquina da Estrada para Santo Amaro com a Rua França Pinto (atual

Avenida do IV Centenário), cria-se um vetor de entrada distinto e com maior peso que o da Avenida Brasil. O conjunto incorpora ainda a área do Jardim Lusitânia, para onde deslocou o estádio, o ginásio para natação, a sala de ginástica e o campo de golfe, agregando-se ainda um local para recreação infantil. Não sabemos até que ponto a passagem de Anhaia Mello pela Prefeitura Municipal no final de 1930 até a metade de 1931 ou seus artigos e conferências acerca da recreação ativa podem ter influenciado no aparecimento deste *playground* no estudo de Dierberger, nem mesmo sua influência direta sobre a promoção do esporte nestes projetos;

contudo, como vimos, não há dúvida de que suas concepções marcaram profundamente o cenário de debates urbanístico e paisagístico paulistano no momento.

Após revisão crítica do trabalho apresentado pelo paisagista, tanto pela Repartição de Esgotos de São Paulo (RAE) como por parte de órgãos internos à Prefeitura, decide-se pela elaboração de outro projeto, realizado na Divisão de Obras Públicas. Este respeita o traçado da Avenida Brasil, ilustrado em mapa de 1928, (fig 23) bem como o limite do parque, ao sul, na Rua França Pinto e deixa intocada a área destinada à implantação do hipódromo, sem qualquer sugestão projetual específica para ela. Mantém-se a opção por um traçado eclético, em que os passeios curvilíneos, gramados, bosques e lagos convivem com a criação de grupos monumentais dispersos na área entorno aos principais edifícios. O principal é o eixo de entrada pela rotatória na Avenida Brasil, composto por um roseiral, fonte, cassino e piscina pública. O programa do parque é semelhante ao desenvolvido por Dierberger, embora simplificado, e constaria, além do já mencionado, de um estádio, playground, teatro ao ar livre e escola. Chamamos ainda a atenção para o aparecimento de dois lagos margeando o prolongamento da Avenida Brasil dentro do Parque, pois será solução deveras presente nos estudos posteriores. (fig 33)

A indecisão acerca da destinação de uso da área do viveiro é verificável nas variadas soluções a ela dadas nos projetos. Em 1935, o engenheiro Werner Hacker realiza um estudo em que reorganiza esta área, diminuindo sua área, mantendo o estacionamento e implantando ali o estádio e as quadras de tênis. Finalmente, decide-se pela permanência do viveiro, embora seguisse sendo elemento programático questionável para diversos autores.

Além dos trabalhos liderados por Manequinho Lopes, pouco se realizou na área, naqueles anos, (fig 38) como se verifica com a publicação de *Os Melhoramentos de São Paulo*, de Prestes



fig 33 - Projeto para o Parque do Ibirapuera da 7ª Seção da Divisão de Obras Públicas da Prefeitura Municipal de São Paulo, 1933.

Fonte: Arquivo Geral de Processos – DAF4.

Maia, em 1945. Ele, que foi um dos primeiros incentivadores da idéia da construção do parque na gestão de Pires do Rio, e de sua integração a um sistema maior de áreas verdes e avenidas, em sua primeira passagem pela Prefeitura, de 1938 a 1945, tampouco o implementa. Ratifica a importância de sua realização, quando do término de sua primeira gestão, bem como da complementação da Avenida Itororó, então apenas iniciada, que o conectaria ao centro. (fig 34) Apresenta uma ilustração desta obra, em que se visualiza a rotatória de entrada ao Parque, na confluência da Avenida Brasil, e a posição para a implantação de um obelisco, que logo seria o monumento em memória à Revolução de 1932, de Galileu Emendabile, que começou a ser construído em 1947, sendo somente inaugurado em 1955.



fig 34 - Perspectiva da Avenida Itororó (23 de Maio) conectando o Parque do Anhangabaú ao Parque do Ibirapuera.

Note-se que era um dos dutos verdes da periferia ao centro, previsto no Plano de Avenidas. Possivelmente esse estudo tenha sido realizado sob coordenação de Ulhôa Cintra, que era o então Diretor de Obras Municipais. Seu nome aparece logo abaixo do de Prestes Maia nesta prancha.

Fonte: MAIA. 1945.

Prestes Maia destaca o papel do parque no contexto de crescimento da cidade no momento. Sua conexão ao centro e aos bairros jardins era, evidentemente, uma das principais intenções desde o Plano de Avenidas, e é reforçada em 1945. A Avenida Itororó permitiria ainda a criação do duto verde já mencionado, tal como sua análoga: a Avenida Anhangabaú (9 de julho), e articularia o Parque do Ibirapuera, o Parque Aclimação, o Parque do Anhangabaú, o Parque Náutico e cruzaria o rio Tietê em direção ao Parque da Cantareira.

Em 1948 ainda dentro das repartições da Prefeitura Municipal aparece um novo estudo, datado de 14 de janeiro (fig 35) e que seria revisado (fig 36) em 04 de fevereiro de 1949, por J. A. Toledo. Esta proposta foi alvo de um parecer extremamente crítico de Christiano Stockler das Neves, de 11 de setembro de 1951, já dentro dos debates da comissão instituída para organizar os festejos do IV Centenário de fundação da cidade, que se celebraria três anos depois. É destacável o fato de que a reestruturação da Secretaria de Obras e Serviços Municipais se realiza sob sua gestão na Prefeitura Municipal, em decreto lei de julho de 1947. Cria-se então o Departamento de Urbanismo e seus órgãos compositivos contavam, dentre outras, com a Divisão de Pesquisas, Regulamentação e Divulgação; Divisão de Planejamento Geral e Divisão

de Desenvolvimento do Plano. A hipótese de que este projeto para o parque tenha se realizado dentro destes dois últimos órgãos mencionados é bastante factível, haja vista que uma de suas principais incumbências era o projeto de parques e jardins.⁵⁰

No período compreendido entre essas duas versões, iniciam-se as mobilizações para a organização das comemorações de 1954, embora ainda não se tivesse definido que o parque receberia boa parte dos eventos. O prefeito Paulo Lauro determina, através de decreto de 29 de julho de 1948, a criação de um grupo de pessoas que seria responsável pela definição dos nomes da comissão que seria encarregada da organização dos festejos. Finalmente, em julho de 1951, o governador Lucas Nogueira Garcez e o prefeito Armando de Arruda Pereira instituem a “Comissão do IV Centenário de Fundação da Cidade de São Paulo”, composta por representantes da Prefeitura, do Governo do Estado e da iniciativa privada destinada a conceber, preparar, executar e divulgar as atividades relativas às comemorações dos 400 anos da cidade.⁵¹ Os acordos entre o poder público municipal e estadual se fariam através dos quadros profissionais, equipamentos e estabelecimentos necessários para a realização das festividades.

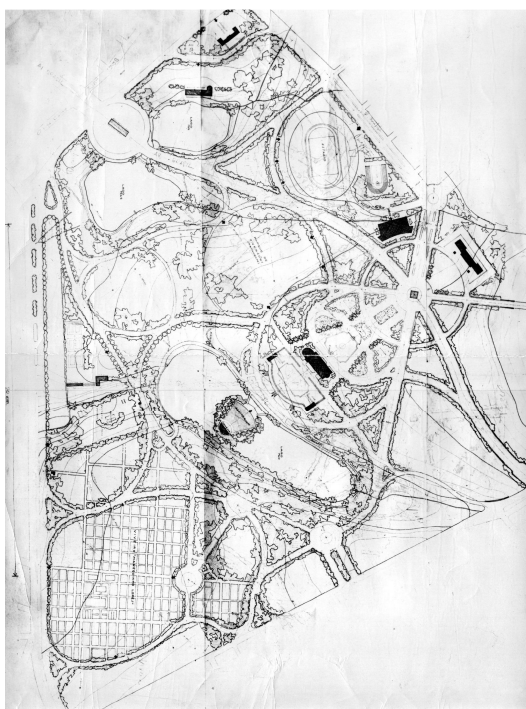


fig 35 - Projeto para o Parque do Ibirapuera, 1948.
Fonte: Biblioteca FAUUSP.

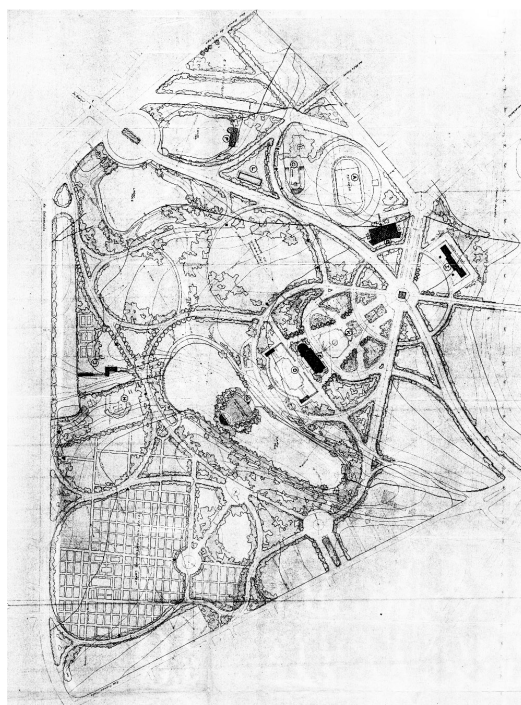


fig 36 - Revisão do Projeto para o Parque do Ibirapuera, 1949.
Fonte: Arquivo Histórico Washington Luis.